

O USO INDISCRIMINADO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS PELA POPULAÇÃO IDOSA - UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Joyce Felix da Silva¹
Thaylâne Creusa Rogério Silva²
Wederson Santos Silva³

RESUMO

O uso de fármacos psicoativos faz parte da natureza humana, visando modificar comportamento, humor e emoções. O uso de psicotrópicos tem aumentado consideravelmente, em função da melhora nos diagnósticos de transtornos psiquiátricos, do aparecimento de novos fármacos no mercado farmacêutico e das novas indicações terapêuticas de psicofármacos já existentes. O objetivo deste trabalho é identificar e sintetizar as evidências sobre a utilização indiscriminada de psicotrópicos pela população idosa. Trata-se de uma revisão integrativa do tipo descritiva e exploratória de 05 artigos selecionados, no idioma português, entre os anos de 2013 a 2019, nas bases de dados SciELO, LILACS e IBECs. Os resultados mostraram que existe uma associação prospectiva entre o uso de psicofármacos e a incapacidade funcional. Prevenir a incapacidade funcional, ou pelo menos retardar o seu aparecimento, é fundamental para garantir que os ganhos de expectativa de vida resultem em mais anos vividos com qualidade. A prevalência do uso crônico de benzodiazepínicos em idosos foi considerada alta e semelhante aos achados da literatura. O uso de benzodiazepínicos foi associado a transtornos mentais e comportamentais, polifarmácia e consultas médicas. O presente estudo nos permitiu fazer uma identificação das utilizações indiscriminadas de psicotrópicos pela população idosa, haja vista que, há um crescente uso de desses, dentre os quais se destaca o uso de benzodiazepínicos associado a transtornos mentais e comportamentais, polifarmácia e consultas médicas.

Palavras-chave: Idoso, Psicotrópicos, Saúde.

INTRODUÇÃO

O uso de fármacos psicoativos faz parte da natureza humana, visando modificar comportamento, humor e emoções. Este uso envolve dois caminhos: um para modificar o comportamento normal e produzir estados alterados de sentimentos com propósitos religiosos, cerimoniais ou recreacionais, e o outro para alívio de enfermidades mentais. Os medicamentos psicotrópicos (psique=mente, topos=alteração), são modificadores seletivos do Sistema Nervoso Central e podem ser classificados, segundo a Organização Mundial de Saúde em: ansiolíticos e sedativos; antipsicóticos (neurolépticos); antidepressivos; estimulantes

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, joycefe.07@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, thay.rogerio@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Medicina da UNIFACISA - UNIFACISA, wederson3@gmail.com;

psicomotores; psicomiméticos e potencializadores da cognição (ANDRADE; GARCIA; SANTOS, 2004).

Fármacos psicotrópicos são substâncias que afetam o humor e o comportamento, entretanto, com a abrangência que essa definição traz, classificá-los, por vezes, se torna uma árdua tarefa. Ao elencar os psicotrópicos pode-se fazer isso por meio do uso clínico (antidepressivos, antipsicótico, antiepilético...), alvo químico e até efeito comportamento, todavia na prática, o uso de fármacos na psiquiatria comumente mistura as diversas categorias terapêuticas e com isso se torna comum um fármaco antipsicótico ser usado como “tranquilizante”. (RANG; DALE, 2016).

Entre tantas opções algumas se destacam entre os receituários, a exemplo disso tem-se os benzodiazepínicos presentes na vida de 1 a 3% dos ocidentais durante pelo menos um ano (ANDRADE; GARCIA; SANTOS, 2004). Em estudo brasileiro realizado na cidade de Campinas-SP a prevalência de uso de psicotrópicos foi de 6,8%, destacando-se os antidepressivos, ansiolíticos e antipsicóticos e tais valores se tornavam ainda mais acentuados na população idosa alcançando 10,8%. Os resultados revelaram maior prevalência de uso de psicotrópicos entre as mulheres, nos que referiram pior percepção de saúde, naqueles com TMC e nas pessoas com problemas emocionais. Menor uso de psicotrópicos foi verificado entre negros e pardos (PRADO; FRANCISCO; BARROS, 2017).

Segundo Pereira (2015), a utilização de psicofármacos, especialmente os benzodiazepínicos, por longos períodos sem indicação médica específica, comprovadamente acarreta mais malefícios se comparados aos benefícios em longo prazo. Entretanto nota-se grande resistência por parte dos pacientes em sua retirada, em função de desconhecimento sobre os malefícios da droga, comodidade no acesso e medo do ressurgimento dos sintomas, entre outros.

O uso de psicotrópicos tem aumentado consideravelmente, em função da melhora nos diagnósticos de transtornos psiquiátricos, do aparecimento de novos fármacos no mercado farmacêutico e das novas indicações terapêuticas de psicofármacos já existentes. Especificamente para os antidepressivos, além desses fatores, deve-se considerar o prolongamento do tratamento medicamentoso da depressão; no caso dos idosos, também da depressão na fase final de vida, em função de limitações físicas e sociais da idade (PRADO; FRANCISCO; BARROS, 2017).

A pergunta norteadora para a elaboração da revisão integrativa foi: Existe o uso exacerbado da utilização de psicotrópicos por idosos no Brasil?

A partir do que foi exposto, coloca-se a necessidade de investigar a presença e uso de inúmeros psicofármacos dentro do leque de medicamentos usados pelos idosos, bem como sua efetividade diante de tal situação. Assim, pretende-se com o estudo, identificar e sintetizar as evidências sobre a utilização indiscriminada de psicotrópicos pela população idosa.

METODOLOGIA

O desenho do estudo é definido como uma revisão integrativa do tipo descritiva e exploratória, em que há uma análise qualitativa de dados secundários obtidos a partir da produção bibliográfica da temática estudada.

A revisão integrativa é um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática. Apresenta seis fases para sua elaboração, que são: formação da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa (SOUSA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos originais na íntegra, disponíveis gratuitamente e aqueles publicados entre 2009 a 2019, envolvendo seres humanos; nos idiomas português, inglês e espanhol; disponíveis nas principais bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e IBECS (Índice Bibliográfico de Espanhol em Ciências da Saúde);

Foram excluídos os estudos que estavam em duplicidade na mesma ou em outra base de dados, aqueles que não abordavam a temática como eixo central e os que eram revisão bibliográfica.

O levantamento bibliográfico foi realizado maio de 2019. Os termos utilizados para a busca selecionados a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) foi “idoso” e “psicotrópicos” e “saúde” combinados por meio do conector booleano “AND”.

Foram encontrados um total de 45 artigos, sendo MEDLINE (23), LILACS (19) e IBECS (3). Com a adição dos filtros ficaram 23 artigos. Após a leitura dos respectivos resumos, 05 artigos atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos, e foram incluídos na presente revisão integrativa. Assim sendo, na análise qualitativa das variáveis revisadas se fez comparações às literaturas conhecidas previamente pelos autores, de modo a tornar mais fácil a explicação e discutir melhor o assunto.

Para embasar esse trabalho, todos os pesquisadores ponderaram sobre as diretrizes éticas contidas na resolução nº 311/2007 destinada a dispor a propósito do ensino, da pesquisa, e da produção técnico-científica (COFEN 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os artigos encontrados na revisão integrativa foram publicados entre os anos de 2013 a 2019. O país de publicação foi o Brasil (5). Os locais dos estudos foram na própria comunidade (3), em uma Unidade de Saúde da Família (1) e em um Serviço Escola (1). Quanto aos tipos de estudo dos artigos abordados foram: estudo transversal (3), estudo documental (1) e estudo longitudinal (1).

Quadro 1. Artigos levantados nas bases de dados LILACS, MEDLINE e IBICS sobre: Uso exacerbado de Psicotrópicos por Idosos

Autor e Ano	Objetivo	Método	Resultados encontrados
ALVIM, <i>et al.</i> , 2017.	Avaliar a prevalência e os fatores associados ao uso de benzodiazepínicos em idosos residentes na comunidade.	Foi realizado um estudo transversal por meio de inquérito domiciliar em 423 idosos de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Para analisar os fatores associados ao desfecho, utilizou-se o modelo de regressão de Poisson, baseado no modelo teórico de determinação com blocos hierárquicos.	A prevalência de uso de benzodiazepínicos foi de 18,3% (IC95% 15,2 a 21,6). A maioria dos benzodiazepínicos utilizados teve uma meia-vida de eliminação longa (59,2%) e o uso foi considerado longo em 85,5% dos usuários. Entre os usuários de benzodiazepínicos, 38,4% também usaram antidepressivos. O uso dessas drogas foi associado à presença de transtornos mentais e comportamentais autorreferidos, polifarmácia e consultas médicas nos últimos três meses.
BANDEIRA, <i>et al.</i> , 2018.	Avaliar os efeitos do uso de antidepressivos em componentes de fragilidade.	Foi realizado um estudo transversal e analítico comparando grupos de usuários e não usuários de antidepressivos em um município do sul do Brasil. A pesquisa foi vinculada ao estudo matricial "Saúde do Idoso na Atenção Básica". A amostra foi selecionada por meio do acesso ao banco de dados do estudo matricial do qual foram extraídos dois grupos: usuários (n = 87) e não usuários (n = 114) de antidepressivos. Após a seleção dos grupos, a coleta de dados foi realizada entre os meses de junho e setembro de 2016	A prevalência de fragilidade foi de 62,7% e esteve associada ao grupo que utilizou antidepressivos. Entre os componentes da fragilidade, foi encontrada associação entre o grupo de usuários e fadiga, baixa velocidade de marcha e perda de peso não intencional. Foi identificado um maior risco de fragilidade entre os idosos em uso de antidepressivos tricíclicos e antidepressivos potencialmente inapropriados para idosos.

		nas residências dos idosos, e incluiu informações sobre características sociodemográficas, uso de medicamentos e avaliação da fragilidade.	
FALCI, <i>et al.</i> , 2019.	Investigar se o uso de psicofármacos seria um preditor da incidência de incapacidade funcional entre idosos residentes em comunidade.	Trata-se de um estudo longitudinal de base populacional, desenvolvido entre primeiro de janeiro de 1997 e 31 de dezembro de 2011, junto a idosos residentes em comunidade. A associação entre o uso de psicofármacos e o desenvolvimento de incapacidade funcional para atividades instrumentais (AIVD) e básicas (ABVD) de vida diária foi testada por meio do modelo de riscos proporcionais de Cox estendido, que considera a medida da exposição de interesse ao longo de todo o tempo de seguimento.	Após ajuste multivariado, no estrato feminino o uso de dois ou mais psicofármacos foi associado à incapacidade tanto para AIVD (HR = 1,58; IC95% 1,17–2,13) quanto para ABVD (HR = 1,43; IC95% 1,05–1,94), o uso de benzodiazepínicos se manteve associado à incapacidade para AIVD (HR = 1,32; IC95% 1,07–1,62) e o uso de antidepressivos se manteve associado à incapacidade, tanto para AIVD (HR = 1,51; IC95% 1,16–1,98) quanto para ABVD (HR = 1,44; IC95% 1,10–1,90). No estrato masculino, o uso de antipsicóticos foi associado à incapacidade para AIVD (HR = 3,14; IC95% 1,49–6,59).
ROCHA; WERLANG, 2013.	Verificar a prevalência e o padrão de consumo por usuários de uma Unidade de Saúde da Família de Porto Alegre	Delimitação observacional, descritivo, retrospectivo e de corte transversal. A amostra foi composta por usuários que retiraram receitas de medicamentos controlados e os dados coletados a partir do prontuário. Foram incluídos 329 usuários.	Prevalência de utilização de psicofármacos de 7,30%, média de idade de 53,14 (DP = 18,58) anos e 72% de indivíduos do sexo feminino. A média de medicamentos e psicofármacos prescritos por usuário foi de 3,56 (DP = 2,36) e 1,66 (DP = 0,90), respectivamente. A classe mais utilizada foi a de antidepressivos, seguida de antiepiléticos, ansiolíticos e antipsicóticos.
SILVA; HERZOG, 2015.	O presente artigo se propõe a averiguar a relação entre o uso de psicofármacos e o processo psicoterápico de idosos atendidos em um serviço-escola no Vale do Rio Pardo/RS.	Trata-se de uma pesquisa documental, baseada em uma abordagem descritiva, desenvolvida a partir da análise de 73 prontuários dos usuários com idade a partir de 60 anos. A pesquisa faz parte de um projeto mais amplo que abrange pesquisas similares em todas as outras faixas etárias (inferiores a 60 anos).	Os resultados encontrados revelam um número expressivo de medicação psicotrópica entre os idosos pesquisados, inclusive com a utilização de mais de um psicofármaco para uma mesma pessoa, o que reforça os estudos que apontam o aumento da medicação psicofarmacológica na sociedade.

A prevalência do uso crônico de benzodiazepínicos em idosos foi considerada alta e semelhante aos achados da literatura. O uso de benzodiazepínicos foi associado a transtornos mentais e comportamentais, polifarmácia e consultas médicas. A prescrição em idosos, bem como o uso prolongado, deve ser avaliada com cautela, considerando as alterações fisiológicas nessa população e os efeitos adversos dos medicamentos (ALVIM, *et al.*, 2017).

Os resultados presentes nas literaturas demonstram a associação entre o uso de antidepressivos e a fragilidade, principalmente na velocidade da marcha, fadiga e perda de peso não intencional. Esses achados ressaltam a necessidade da avaliação clínica dos riscos e benefícios da prescrição de antidepressivos a idosos. Quando instituído o tratamento, é necessário o monitoramento e a avaliação periódica das características geriátricas, como a fragilidade, para identificar possíveis danos e garantir a segurança e a qualidade de vida dos idosos usuários desses medicamentos (BANDEIRA, *et al.*, 2018)

Existe uma associação prospectiva entre o uso de psicofármacos e a incapacidade funcional. Prevenir a incapacidade funcional, ou pelo menos retardar o seu aparecimento, é fundamental para garantir que os ganhos de expectativa de vida resultem em mais anos vividos com qualidade. Pelo fato de o uso de psicofármaco constituir um fator de risco potencialmente modificável, os profissionais de saúde devem avaliar cuidadosamente a pertinência de sua prescrição. Nesse sentido, buscar alternativas terapêuticas farmacológicas pode ser uma estratégia viável a ser adotada na busca da prevenção da incapacidade e manutenção da qualidade de vida do idoso (FALCI, *et al.*, 2019).

Investigar o perfil de uso de psicofármacos na APS faz-se necessário para planejar estratégias de intervenções em saúde mental, relacionadas com a promoção do uso racional dos medicamentos. Neste sentido, a seleção dos psicofármacos nas relações de medicamentos essenciais baseada em critérios epidemiológicos da população local, bem como a elaboração de protocolos clínicos para a utilização dos mesmos e a capacitação em saúde mental para os profissionais que atuam na APS são pontos-chaves para um avanço nas ações neste campo na APS (ROCHA; WERLANG, 2013).

As pesquisas apontadas e o resultado retratam o processo de excessiva prescrição de psicofármacos em que, devido à exigência social de felicidade a qualquer preço, muitas vezes é o próprio usuário que busca a medicação. Todo este processo culmina com uma normalidade medicalizada, na qual a expressão do sofrimento não se torna objeto de reflexão e busca de construção de outras formas de ser, mas sim de um "bloqueio químico" das emoções, desencadeando um mutismo, que "demarca sua presença como máquina de fazer

calar". O estudo evidenciou que 35,6% dos usuários de psicotrópicos já estavam medicados antes do início da psicoterapia (SILVA; HERZOG, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo nos permitiu fazer uma identificação das utilizações indiscriminadas de psicotrópicos pela população idosa, haja vista que, há um crescente uso de desses, dentre os quais se destaca o uso de benzodiazepínicos associado a transtornos mentais e comportamentais, polifarmácia e consultas médicas.

Ademais, fica evidente que o uso dos psicotrópicos associado a uma melhoria na qualidade de vida, haja vista as exigências sociais em torno da felicidade, bem-estar, controle emocional, ausência de tristeza, na qual, muitas vezes é o próprio usuário que solicita a medicação. Para tanto, é importante considerar outros modelos terapêuticos, a exemplo dos que são oferecidos por meio de Unidades Básicas de Saúde (UBS), Serviços de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos (SCFV – SEMAS).

Torna-se necessário, portanto, fazer uma investigação do uso do psicofármaco, principalmente na Atenção Primária, de onde saem grande número de receitas, fazendo assim planejamentos para a intervenção sobre o uso de medicamentos e suas implicações, entre os próprios profissionais de saúde, bem como, tais discussões em grupos de idosos e de saúde mental, possibilitando uma conscientização sobre o uso racional dos medicamentos.

REFERÊNCIAS

ALVIM, M. M. et al. Prevalence of and factors associated with benzodiazepine use in community-resident elderly persons. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 463-473, Agos. 2017.

ANDRADE, M. de F.; ANDRANDE, R. C. G. de; SANTOS, V. dos. Prescrição de psicotrópicos: avaliação das informações contidas em receitas e notificações. *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas*. v. 40, n. 4, out./dez., 2004.

BANDEIRA, V. A. C. et al. Antidepressant use and the components of the frailty syndrome. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 7-15, Fev. 2018.

BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução nº 311, de 08 de fevereiro de 2007. Código de ética dos Profissionais de Enfermagem. Disponível em: <<http://se.corens.portalcofen.gov.br/codigo-de-etica-resolucao-cofen-3112007>>. Acesso dia 22 de Maio de 2019.

FALCI, D.M.; et. al. Uso de psicofármacos prediz incapacidade funcional entre idosos. *Revista Saúde Pública*. 2019; p. 53-21.

PEREIRA, C. B. S. Prescrição indiscriminada de psicotrópicos: análise das causas e consequências dessa prática na Cidade de Luminárias – Minas Gerais. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Curso de Especialização Estratégia de Saúde da Família. 2015.

PRADO, M. A. M. B. do; FRANCISCO, P. M. S. B.; BARROS, M. B. de A. Uso de medicamentos psicotrópicos em adultos e idosos residentes em Campinas, São Paulo: um estudo transversal de base populacional. *Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 26, n. 4, p. 747-758, out-dez 2017.

RANG, H.P.; DALE, M.M.;RITTER, J.M. *Farmacologia*. 6 ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. Cap. 33, p. 514-20.

ROCHA, B. S.; WERLANG, M. C. Psicofármacos na Estratégia Saúde da Família: perfil de utilização, acesso e estratégias para a promoção do uso racional. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, v. 18, n. 11, p. 3291-3300, 2013.

SILVA, J. C. da; HERZOG, L. M. Psicofármacos e psicoterapia com idosos. *Revista Psicologia e Sociedade*, Belo Horizonte , v. 27, n. 2, p. 438-448, Ago. 2015.

SOUSA, M.T.D; SILVA, M.D.D; CARVALHO, R.D. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein* (São Paulo), v.8, n.1, São Paulo, Jan/Mar de 2010.